

Serra quer evitar o retorno ao passado

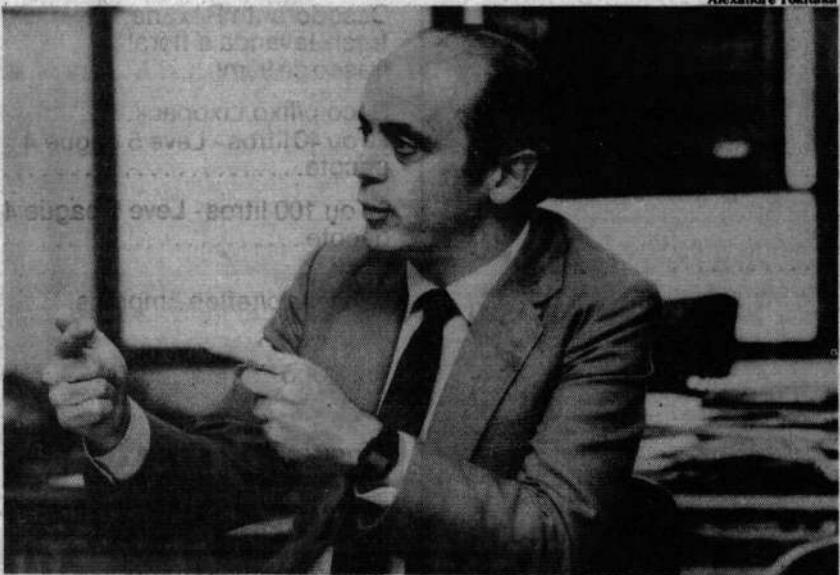
Alexandre Tokitaka

Não voltar ao liberalismo econômico do século passado e nem ao pensamento estatizante pré-64. Essa é a prioridade do candidato José Serra na área econômica. O ex-secretário do Planejamento de São Paulo e ex-coordenador da equipe econômica de Tancredo Neves diz que é preciso eliminar da futura Constituição a "esquizofrenia que domina a atual, que chega a apresentar dois artigos na organização econômica do país".

Num deles (artigo 160) garante-se a liberdade de iniciativa na organização econômica. Num outro (artigo 169), faculta-se ao Executivo a intervenção em setores da economia que não sejam competitivos. "Assim, o Estado — diz — poderia intervir na indústria de cigarros e na indústria automobilística".

Segundo Serra, os futuros membros do Congresso constituinte terão que encontrar formas para regular o papel do Estado na economia "com os pés no chão. A ineficiência e os abusos são grandes no Estado. Ele deve — diz — melhorar seus serviços e procurar a eficiência sem oprimir o setor privado". Para Serra, seria loucura retirar o Estado da economia: "A economia do Brasil não é de livre concorrência mas, sim, oligopóliizada."

Para o candidato, a simples redistribuição do bolo tributário para Estados e municípios não basta. Os Estados, em sua opinião, precisam ter autonomia para estabelecer alíquotas ou mesmo instituir impostos. "Não tem sentido — afirma — o Piauí e São Paulo terem o mesmo instrumento tributário."



O ex-secretário José Serra defende parlamentarismo e o voto distrital

No plano político, Serra defende um Executivo forte mas com um regime parlamentarista. O primeiro-ministro cuidaria da administração e o seu modelo seria semelhante ao francês, onde a definição da política de governo cabe ao presidente. O candidato também propõe o voto distrital, como forma de os eleitores controlarem mais seus representantes, e o estabelecimento de referendos e plebiscitos populares sobre gastos públicos.

Serra diz que a política não é novidade para ele. Foi presidente da UNE em 63/64. Quando voltou do exílio, quis ser candidato em 78, mas

foi impugnado por ter sido punido pelo AI-1. Em 82, assessorava a campanha de Montoro, de quem foi secretário.

Preocupações de Cardoso

Já o senador Fernando Henrique Cardoso tem outras preocupações. Disputando a reeleição para o Senado, ele acha que os maiores desafios que o futuro Congresso constituinte enfrentará estarão na definição de como fazer funcionar o regime democrático, administrar o país e garantir a liberdade de organização da sociedade.

Fernando Henrique adverte que a futura Constituição não será o remé-

dio definitivo para os problemas brasileiros. "Ela não vai estabelecer — lembra — qual a taxa de juros da dívida externa, a política habitacional, o nível dos salários e o ritmo das exportações."

Para ele, importante também é garantir os avanços sociais, como o de assegurar a igualdade de direitos entre o campo e a cidade. Um temor do candidato é o de que a sociedade, atenta à polarização da sucessão nos Estados, se esqueça da eleição do Congresso constituinte. "Nesta campanha — lamenta — ninguém me pergunta sobre o problema constitucional". Segundo ele, se as coisas continuarem assim, a sociedade só vai perceber que elegeu um Congresso constituinte depois de novembro. "Mas aí — diz — os deputados já estarão eleitos."

O senador considera que a eleição de Delfim Netto para a Câmara dos Deputados será benéfica para o país, "pois ele será um animador e organizador dos debates em plenário. A Constituinte — diz — deve ser um espectro da sociedade".

Fernando Henrique diz que a participação dos intelectuais nesta campanha não deve provocar estranheza. Segundo ele, sempre participaram da vida republicana do passado. E cita exemplos: Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Alberto Torres. O que houve foi o afastamento dos intelectuais da política partidária e parlamentar depois de 64. "Alguns — diz — estavam na resistência democrática. Outros, como Delfim e Alfredo Buzaid, foram servir aos tecnocratas".